



## A COMUNIDADE CRISTÃ PRIMITIVA DE CORINTO: ESTUDOS PRELIMINARES

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4106

Amanda Cristina Martins do Nascimento, UEL  
Monica Selvatici, UEL

### Resumo

No interior do vasto Império Romano, que abarcava grande parte da Europa, África do Norte e a Palestina, a diversidade de povos se entrelaçava em interações culturais surgiu o cristianismo. Inicialmente entendido como um movimento no interior do judaísmo na Palestina do século I d. C., nos anos que se seguiram à morte de Jesus Cristo, todavia, sua difusão atinge rapidamente diversos centros urbanos do Mediterrâneo. Este trabalho tem por objetivo expor algumas considerações de minha pesquisa do mestrado intitulada *Identities cristãs em formação na Corinto romana: análise comparada de 1Coríntios e 1Clemente*. Em nossa pesquisa analisaremos as produções das identidades cristãs através dos conflitos que surgiram em uma comunidade de uma região específica, para isso escolhemos como fontes a I e II Carta aos Coríntios e I Carta de Clemente aos Coríntios. Nesse texto optamos por apresentar tanto uma reflexão de alguns pressupostos teóricos concomitante a uma breve revisão bibliográfica. Entre diálogos e embates os cristãos tentam estruturar e sustentar um novo modo de vida, e dentro desse processo é possível observar as relações de poder presentes nas produções das identidades na comunidade de Corinto do século I d.C.. A partir das interações entre diferentes agentes sociais, seus modos de vida e suas relações dentro e fora da comunidade religiosa às identidades cristãs são construídas, existiu um jogo de interesses para se definir o agente que detém a dominação do sistema simbólico religioso

### Palavras Chave:

cristianismo primitivo;  
identidades cristãs;  
comunidades urbanas  
cristãs.

## Introdução

*Identities cristãs em formação na Corinto romana: análise comparada de 1Coríntios e 1Clemente* é o título de minha pesquisa do mestrado, pertencente a linha de Práticas Culturais, Memória e Imagem e orientado pela professora Monica Selvatici. Em nossa pesquisa analisaremos as produções das identidades cristãs através dos conflitos que surgiram em uma comunidade de uma região específica, para isso escolhemos como fontes a I Carta de Paulo aos Coríntios e I Carta de Clemente aos Coríntios.

Ao longo de nossa pesquisa pretendemos entender a formação e estruturação do cristianismo primitivo através dos conflitos na comunidade de Corinto ao longo das décadas finais do século I d.C. Considerando o cristianismo como um fenômeno religioso ainda recente dentro do Mundo Antigo, ele ofereceu um espaço de possibilidades para a constituição de novas identidades sociais, embates pela hegemonia dentro das comunidades, ressignificações de papéis de gênero, enfim, uma nova articulação entre os papéis ocupados pelos agentes no mundo social romano.

Para essa comunicação apresento aqui as ponderações preliminares da pesquisa realizada até o presente momento, tanto através do estudo das fontes, acompanhado da leitura e análise de obras referentes ao tema como as discussões teóricas desenvolvidas nas disciplinas do programa de mestrado.

### **Cristianismo Primitivo a luz da Nova História Antiga e da Teoria da Prática**

Na década de 1990 novas discussões foram propostas dentro da teoria social, com as mudanças sociais que ocorreram na segunda metade do século XX, principalmente ligadas ao conceito de *identidade*. Ao repensar a ideia

de identidade a partir da problematização das questões do presente, da emergência de movimentos sociais representantes dos direitos das minorias encontramos uma grande diversidade de temáticas e problemáticas com relação aos estudos de identidades. Essas discussões também afetaram as pesquisas acerca da História Antiga, pois, como afirma Norberto Luiz Guarinello (2013, p. 14) “Os historiadores precisam escrever uma História que faça sentido para as preocupações do presente.”.

A identidade não é mais compreendida como algo estanque, fixo, ou somente entendida na relação com o outro, como apontava a noção de sujeito sociológico (HALL, 2015). A identidade é compreendida como um elemento mutável, isto é, uma característica do indivíduo (ou de um determinado grupo) produzida em contextos históricos específicos. Dentro da pós-modernidade as identidades são fragmentadas (HALL, 2015), os agentes sociais produzem pensamentos e práticas em diferentes momentos e situações, que dependem do contexto específico no qual eles estão inseridos.

Destarte, entendemos que para o estudo da construção das identidades cristãs nesse mundo social antigo tão diverso faz-se útil alguns conceitos da *Teoria da Prática* do sociólogo Pierre Bourdieu. Ideias e ações praticadas pelo indivíduo são construídas e articuladas de acordo com as suas intenções e com o meio em que ele se encontra, isso entendemos como o *habitus*, uma articulação entre a subjetividade dos indivíduos, a estrutura do *campo* e as situações vividas (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2014).

Já outro conceito que utilizamos é o de *campos*, os diferentes espaços (religioso, cultural, científico, etc) onde a ação social é construída e expressa, no qual também se manifesta um jogo de interesses por objetivos específicos. Dentro desses campos os indivíduos

expressam seu *habitus* para conquistar seu espaço, nessa disputa dentro de diferentes campos o indivíduo que detiver maior volume de *capital simbólico* se destacará entre os demais. Para Bourdieu o capital simbólico é um marcador de distinção, de qualidade serve como uma demonstração de reconhecimento. Porém, isso depende de como o agente o emprega, de como ele articula dentro de um campo específico, de como seu *habitus* se estabelece dentro do campo.

Compreendemos que o novo campo religioso que surgiu no século I d.C. existiu um embate entre diferentes agentes e seus pontos de vista do que seria um “verdadeiro” cristão. Houve o constante jogo pela definição da hierarquização, e a alteração constante de posições entre dominantes e dominados na comunidade coríntia, além disso houve um conflito entre as práticas já existentes em diferentes campos da sociedade coríntia que os fiéis participavam com o campo religioso cristão. Um exemplo é apontado por James Walters (2005) em seu texto *Civic Identity in Roman Corinth and Impact on Early Christians*, no qual ele afirma que devido a ausência de conflitos religioso externos (como o caso dos cristãos-judaizantes citados pelo apóstolo Paulo na I Carta aos Tessalonicenses) houve um conflito entre a identidade cívica e pensamento cristão.

Por isso há um constante jogo pela definição da hierarquização, alteração constante de posições entre dominantes e dominados e um conflito entre diferentes modos do pensar e agir cristão dentro e fora comunidade coríntia.

## Corinto

A professora especialista em Antiguidade Tardia Averil Cameron (1998, p. 141) afirma que as cidades eram “una personificación de la cultura”, isso também fica claro na construção da cidade romana clássica, um espaço que

oferecia um estilo de vida que combinava o desenvolvimento da atividade pública e as amenidades urbanas, entre elas os teatros, termas, anfiteatros. Essas duas características estavam intrinsicamente ligadas, já que para a construção desse tipo de edifícios era necessário investimento público e doações feitas por particulares, líderes locais ou indivíduos que almejavam ou procuravam uma ascensão social.

Esses fatores não foram diferentes na cidade de Corinto. Apesar de situar na Grécia a Corinto que aqui analisamos reproduzia as estrutura e modo de vida romano, já que foi destruída no século II a. C. e reconstruída em 44 a.C. por Júlio César, da qual herdou o nome de colônia *Laus Julia Corinthiensis*. Essa nova cidade foi formada principalmente por libertos, alguns veteranos do exército romano e sacerdotes que foram enviados para organizar os cultos. A relação da sociedade romana com seus “cidadãos” divinos estava presente em todos os campos como aponta Cláudia Beltrão Rosa (2006, p. 141):

De certo modo, os deuses estavam sempre presentes, não somente como estátuas em seus templos, mas nas ruas, nos jogos, nas ocasiões públicas, nos eventos especiais. Neste sentido, os deuses romanos eram também cidadãos, participando de seus triunfos e derrotas e de seus rituais. [...] Ninguém duvida de que rituais de vários tipos eram uma parte crucial nas interações entre deuses e homens na religião romana. Rituais marcavam todos os eventos públicos e celebrações [...]

Assim, podemos notar como a sociedade de Corinto era diversa ao refletirmos sobre as características apresentadas acima: uma cidade grega sob domínio do Império Romano. E, ainda, um centro urbano por ser uma cidade portuária, dessa maneira recebia diferentes povos e culturas em seu

território.

### **Corinto através de cartas: 1Coríntios e 1Clemente**

Como já foi dito acima, para essa pesquisa escolhemos como fontes primárias duas cartas: I Carta aos Coríntios e I Carta de Clemente aos Coríntios. A I Carta aos Coríntios é um documento que foi escrito entre os anos de 52 e 55 d. C. Esse texto é considerado uma carta autêntica do apóstolo Paulo, com algumas inserções posteriores. I Coríntios é uma das quatorze cartas originais paulinas. Essa epístola, do início ao fim, trata de rixas e discussões que remetem à experiência cotidiana dos membros da comunidade coríntia, tanto na regulamentação da vida cristã como na administração de um bom convívio entre os membros. As dúvidas apresentadas ao apóstolo Paulo são respondidas uma a uma, o que fez dessa carta um documento importante para outras igrejas cristãs (KOESTER, 2005). Paulo tenta exercer sua influência dentro da comunidade coríntia, trazendo à tona em diferentes momentos seu capital simbólico de apóstolo e fundador da igreja de Corinto: “Ainda que para os outros não seja apóstolo, para vós, ao menos, o sou; pois o selo do meu apostolado sois vós, no Senhor” (I Co 9, 2).

A tradução da I Carta aos Coríntios que escolhemos advém da Bíblia de Jerusalém, esta é uma das versões mais indicadas para os trabalhos acadêmicos, principalmente pelas exigências contextuais, pela crítica textual e de tradução. Também buscamos por versões desses textos em sua língua original juntamente com léxicos e dicionários para o entendimento dos vocábulos utilizados na epístola.

Já a I Carta de Clemente aos Coríntios é datada em meados da década de 90 d.C., escrita em Roma por Clemente, além de dar conselhos, o autor intenta manter a unidade entre os

membros da igreja. Clemente, segundo a tradição católica foi considerado o terceiro bispo de Roma, posterior a Lino e Anacleto, porém segundo Jeffrey Henderson (2005), tradutor e editor da versão de I Clemente que aqui utilizamos, se ele fosse um bispo o autor teria usado de sua autoridade e posição em seu texto. Ao longo dos anos estudiosos apresentaram diferentes teorias acerca de quem seria o autor desse texto, para Koester (2005) ele teria sido apenas um secretário da igreja romana, posição defendida também por Henderson (2005). O que nos importa aqui é observar como esse autor se relaciona com a comunidade de Corinto em seu texto.

Segundo Clemente, há disputas internas pela liderança da comunidade, condição semelhante a I Carta aos Coríntios do apóstolo Paulo. I Clemente que aqui utilizamos se encontra na obra *The Apostolic Fathers*, uma versão bilíngue (inglês-grego), confrontaremos a versão inglesa com o texto original, buscando uma análise do vocabulário utilizado pelos autores. Essa obra constitui em um conjunto de textos cristãos organizados no século XVII com esse título porque se pensava que foram escritos entre as décadas de 30 e 70 depois de Cristo, por discípulos dos primeiros apóstolos.

Os dois documentos são cartas, tratam de uma comunidade específica, ou seja, não são tratados teológicos, mas respostas a situações concretas praticadas no cotidiano. Observamos conflitos de diferentes formas de pensar e agir, como as divergências acerca de como deveria ser realizado o banquete eucarístico (a crítica de Paulo a partir de I Cor 11, 17), e, ainda, disputas internas pela liderança da comunidade, condição presente tanto na I Carta aos Coríntios do apóstolo Paulo, como na carta de Clemente (I Clemente 47, 1-3).

Deste modo, elas nos transmitem as experiências vividas no espaço da igreja. Todavia, devemos

salientar que é a visão do autor da carta sobre a comunidade, assim, devemos nos atentar a interpretar a situação descrita como uma análise do autor da epístola.

### Corinto e suas divisões

Nos anos iniciais do cristianismo, Corinto demonstrou ser uma comunidade bem complexa e difícil nos escritos paulinos, membros chegaram a questionar a autoridade da pregação do Paulo em I Carta aos Coríntios, sendo que além de alcunha de apóstolo também era fundador dessa comunidade cristã.

No início de sua epístola Paulo expõe o problema de grupos dentro da comunidade (I Co 1, 11-15). Segundo Koester (2005) essas tensões que estão ligadas a diferentes *mistagogos*, pessoas encarregadas de ministrar o batismo aos fiéis, sendo os dois principais partidos “os de Paulo” e “os de Apolo”.

No caso de Apolo, Paulo o menciona em outras passagens (I Co 3; 5, 6 e 22: 4, 6 e ainda: 16, 12), colocando-o como servo de Deus (como o próprio Paulo), só que com atributos diferentes: “Eu [Paulo] plantei; Apolo regou, mas é Deus quem fazia crescer” (I Co 3, 6), o que nos leva a crer que Apolo passou mais tempo com a comunidade de coríntia, como pregador e mentor da Igreja de Corinto. Ainda nesses capítulos iniciais, Paulo apresenta suas recomendações acerca dessas divisões, mencionando várias vezes a palavra “sabedoria” ligada à oratória, à persuasão, o que nos leva a crer que o pregador Apolo teria uma melhor habilidade discursiva.

“Prestígio da palavra” e “linguagem persuasiva” a necessidade de se ter o Evangelho defendido por uma boa retórica parece-nos ser um capital simbólico para os fiéis coríntios, advindos da educação romana, orientada para o campo político. Segundo Pedro Paulo Funari (2001) há dois tipos de educação no Mundo Romano: a *paidéia*, no sentido

do ensino da cultura clássica, como a descrita acima e a *instructio* (“empilhar” conhecimento), que seria uma posse cognitiva do mundo, por parte dos ricos e pobres, livres e escravos. Dessa maneira, a *paidéia* era utilizada como um marcador de diferenças.

Em I Coríntios Paulo caracteriza a igreja de Corinto nestes termos: “não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de família prestigiosa” (I Co 1, 26). Segundo Theissen (apud PROVIN et al., 2007), o apóstolo recorre aqui a uma descrição sociológica, na qual os sábios seriam lideranças dentro da comunidade. Crossan e Reed (2007) também apontam que Paulo não estaria falando de algo abstrato, mas sim de pessoas reais, indivíduos socialmente reais. Portanto, notamos como os fiéis que se consideravam mais sábios tentavam se sobrepor interior da Igreja reproduzindo um *habitus* pertencente ao campo cultural e político.

Para a resolução desse entrave Paulo tenta impor um conhecimento novo como forma de reconhecimento. Como vimos anteriormente uma educação dentro da sociedade romana era pertencente a cultura elitista, preocupada com a oratória e discursos eloquentes. Mas o apóstolo aponta para uma sabedoria que estaria associada ao outro, uma solidariedade cristã ligada ao próximo. Em contraponto a exaltação de um indivíduo de alta classe, que reproduziria a civilidade da “nação togada” (BUSTAMANTE, 2006) o cristão precisa se submeter e solidarizar com o mais necessitado.

Essa submissão pode ser entendida como a “Nova Antropologia” cristã de que fala Peter Brown, uma nova visão do homem baseada na solidariedade;

Reforçada por uma crença viva no fim dos tempos e no Juízo Final, essa grande esperança afirma que um estado de solidariedade

completa e de transparência aos outros é o estado predestinado e natural do homem social [...] (BROWN, 1989, p. 245-246).

Através do ato de submissão, o apóstolo tentou unir a comunidade em uma solidariedade na qual não haveria distinção (BROWN, 1989). Todavia, observamos na verdade uma tensão entre novas práticas que Paulo tenta impor dentro de um grupo que estava habituado a reproduzir o modelo vigente romano.

Já na década de 70 d.C., novos personagens assumem a responsabilidade da pregação e manutenção do Evangelho. Clemente Romano escreve sua carta à Igreja de Corinto entre os anos de 95 e 96 d.C., uma comunidade mais estruturada, porém, ainda com problemas internos a serem discutidos e resolvidos.

Na epístola Clemente escreveu vários elogios à comunidade coríntia; sua conduta piedosa, a fé, a hospitalidade da igreja era notável e apresentou repercussão em outras comunidades (I Clemente 1, 2-3). Clemente Romano escreveu sua carta aos coríntios em forma de *parênese*, uma espécie de discurso moral que dispõe as obrigações de cada agente no interior da comunidade e seu modo de agir de acordo com os seus deveres. Portanto, desde a atmosfera familiar, esposo, esposa, filhos, até para com os dons que o cristão apresentava a serviço da igreja, ou mesmo com os deveres com o Estado e a sociedade a sua volta (KOESTER, 2005).

A epístola contém essas particularidades no decorrer de todos os seus 65 capítulos, pois a finalidade de Clemente era repreender apenas alguns membros da comunidade coríntia. Isso se segue, pois segundo o próprio autor, as autoridades religiosas foram depostas por membros mais jovens (I Clemente 47, 6).

Embora seja uma epístola muito mais extensa que a I Carta aos Coríntios do apóstolo Paulo (que tinha por volta de 15 capítulos), I Clemente demonstra

como a igreja coríntia estava organizada. Sua admoestação só é feita a partir do capítulo 47, após um prelúdio no qual o autor intercalou elogios e personagens do passado judaico-cristão. Clemente recorda arquétipos de fiéis no passado, remetendo-se ao Antigo Testamento, e ainda, modelos do “presente”, isto é, desde o próprio Cristo, até os apóstolos e mártires, indicando como exemplos a serem seguidos pelos coríntios. Assim, em todo o seu discurso, Clemente deseja estabelecer a ordem da igreja local.

Como afirmamos acima, Clemente procurou manter a ordem da igreja de Corinto. Assim, no decorrer da carta, o autor repete o termo *submissão* diversas vezes, tentando demarcar que cada fiel teria sua função social dentro da comunidade cristã. Os fiéis devem ser submissos às lideranças da comunidade (I Clemente. 1, 3); submissos a palavra de Deus (I Clemente. 13, 3); ou seja: “[...] em Cristo Jesus, e deixe que cada pessoa sujeita ao seu vizinho, de acordo com o dom da graça que recebeu. [...]” (I Clemente. 38, 1)

## Conclusões preliminares

Para essa comunicação apresentamos algumas discussões preliminares que ainda estão em desenvolvimento em nossa pesquisa de mestrado. Destarte, o que podemos apontar até aqui é que tanto Paulo como Clemente evocam uma hierarquia dentro da comunidade cristã de Corinto para estabelecer uma organização através da submissão entre os cristãos. Nesse período entre Paulo e Clemente observamos que houve uma luta contínua pela dominação da produção de bens simbólicos. Podemos encarar essas práticas como formas de reprodução de uma ordem social, mecanismos independentes e convergentes que mantêm oposições fundamentais tanto em campos específicos como em todo o mundo social (PINTO, 2000).

Compreendemos então que

autonomia do campo religioso cristão ainda não estava totalmente estruturada, pois a seguridade da autonomia do campo garantiria o reconhecimento social por meios regulares (PINTO, 2000), isto significa que o melhor funcionamento das formas simbólicas, e assim, de uma única forma de dominação. Na comunidade de Corinto podemos perceber que o cristianismo ofereceu outro espaço de possibilidades, que orientam nesse campo religioso a uma nova produção de bens simbólicos. Tanto *habitus* como campo são considerados instituições históricas, construídas no processo de relações sociais no tempo, dessa maneira, os fiéis (incluindo Paulo e Clemente) tentavam preencher o campo religioso de acordo com os seus interesses e suas percepções.

Diferentes especificidades que configuram o movimento inicial cristão, em diferentes momentos e circunstâncias, desse modo se moldam diferentes identidades sociais marcadas pela diversidade e pelo conflito. Constantemente sujeita a modificação e negociação com ambiente que se encontra (COLLINS, 2010), e particularmente, o campo religioso permite a legitimidade de um estilo de vida singular associada a uma determinada estrutura social (BOURDIEU, 2009).

As identidades sociais cristãs se mostram no processo das interações culturais e nas classificações sociais, que aferem pela diferença no reconhecimento entre indivíduos pares e seus inferiores (PINTO, 2000).

## Referências

- BUSTAMANTE, R. M. da C. Práticas Culturais no Império Romano: entre a unidade e a diversidade. In: Silva, G. V.; Mendes, N. M.(orgs). **Repensando o Império Romano: Perspectivas Socioeconômicas, Política e Cultural**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EUFES. 2006, p. 109-136.
- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Coleção Estudos, dirigida por J.

Guinsburg, 6ª ed., São Paulo: Perspectiva,

BROWN, Peter. Antiguidade Tardia. In: VEYNE, P. (org.). **História da Vida Privada, vol. I: Do Império Romano ao Ano Mil**. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 225-299.

CAMERON, A. **El Mundo Mediterráneo en la Antigüedad Tardía 395-600**. Traducción castellana de Teófilo de Lozoya. Barcelona: Espanha, 1998.

COLLINS, J.J. Prefácio. In: NOGUEIRA, P.A. de S.; FUNARI, P.P.; COLLINS, J.J. (orgs.) **Identidade Fluidas no Judaísmo Antigo e no Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2010, p. 7-9.

CROSSAN, J. D.; REED, J. L. **Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano**. São Paulo: Paulinas, 2007.

FUNARI, P.P.A. Considerações sobre as Contribuições da Arqueologia para o Conhecimento da Instrução Latina. Phao; **Revista de Estudos Clássicos**, IEL-UNICAMP, 1, 2001, 105-114. Disponível em: <http://www.gtantiga.net/textos/PhaosFunariArqInstruLatina.pdf>. Acessado em: 13/11/2011, às 10h40min.

GUARINELLO, N.L. História antiga e memória social, in: **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 7-15

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 12ª edição, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 1992.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento** - volume 2: História e Literatura do Cristianismo Primitivo. São Paulo: Paulus, 2000.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. A realidade social segundo Bourdieu: o espaço social, os campos e os tipos de capital (econômico, cultural, simbólico e social). In: **Bourdieu e a educação**. Coleção Pensadores e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 33-56.

NOGUEIRA, Sebastiana. Profecia e Glossolalia em Corinto. **Rev. Oracula**- Revista Eletrônica de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã da Universidade Metodista de São Paulo. 2008. Disponível em: [http://www.oracula.com.br/numeros/022008/05\\_nogueira.pdf](http://www.oracula.com.br/numeros/022008/05_nogueira.pdf). Acessado em: 28/07/2010, às 11h.

OLIVEIRA, JULIO CESAR MAGALHÃES DE. Identidades sociais na Antiguidade Tardia: perspectivas teóricas e estudos de caso a partir da África de Agostinho. Comunicação realizada no **I Seminário internacional de estudos sobre a**

**antiguidade e o medievo:** ocidente e oriente.  
2017

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social**. Tradução: Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2000.

PROVIN, G.; RIBEIRO, G. M.; NOGUEIRA, S.; GALLEAZZO, V. Estratificação social em Corinto: debates recentes. **Rev. Oracula** - Revista Eletrônica de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã da Universidade Metodista de São Paulo. 2007. Disponível em:  
<http://www.oracula.com.br/numeros/012007/05-genildogilvaldosebastianavincius.pdf>. Acessado em: 29/09/10, às 21h35min.

WALTERS, James. Civic Identity in Roman Corinth and Its Impact on Early Christians. In:

SCHOWALTER, D.N.; FRIESEN, S.J. (orgs.). **Urban Religion in Roman Corinth: Interdisciplinary Approaches**. Harvard University Press, Massachusetts, 2005. p. 397-418.

## Fontes

BÍBLIA. N.T. **I Carta aos Coríntios**. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CLEMENT. First Letter of Clement. In: **The Apostolic Fathers I**. Edited and Translated: Bart D. Ehrman. The Loeb Classical Library. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2005, p.17-151.